

IDEÁRIO DO PROGRESSO E CIDADES: uma Curitiba das primeiras décadas do século XX

Antonio Cesar de Almeida Santos*

Abstract – In this article, the author investigates the “idea of the city” present in Curitiba during the three first decades of 20th Century. Considering that to idealize a city means to propose its ordering, it is necessary to know the social conceptions, which guide the building of the urban space, as well as to apprehend the meanings given to it. In order to do that, the article discusses the existence of a relationship between positivistic ideas expressed in a belief in progress and the transformations of urban space in Curitiba at that time.

Este texto, tomando como objeto de investigação uma “idéia de cidade”, pretende discutir a presença de uma relação entre transformações do espaço urbano e idéias positivistas expressas em uma crença no progresso, em Curitiba, nas três primeiras décadas do século XX. Considerando que idear uma cidade significa propor seu ordenamento, torna-se necessário conhecer as concepções sociais que orientam a construção de seu espaço urbano, bem como apreender os significados a ele atribuídos.

Deste modo, ao mesmo tempo em que instâncias político-administrativas propunham e executavam reformas no tecido urbano, fazia-se necessário que a população “investisse” na produção de sua cidade. Nesse sentido, ainda que se reconheça a presença e força das

* Professor no Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Brasil.

idéias positivistas, optou-se por descartar, como fontes de investigação, publicações dirigidas a um público já convertido àquele ideário. Ao contrário, entendeu-se imprescindível conhecer o olhar que a imprensa periódica lançava sobre a cidade. Trabalhou-se, portanto, com um tipo de publicação de feição genérica, de caráter mais informativo que manifestamente doutrinário.¹

A utilização da imprensa como fonte de pesquisa

“[...] justifica-se pela riqueza das informações que pode fornecer, em que pese um certo preconceito que a discrimina enquanto relato de segunda mão. Esta restrição pode ser neutralizada à medida que os textos forem utilizados como testemunho temporal e espacial e como expressão de um discurso hegemônico. Assim, justamente por serem relatos, podem demonstrar mais nitidamente o pensamento da cidade no período. Por outro lado, a diversidade dos conteúdos, em várias formas e estilos, possibilita a apreensão das sutilezas dos discursos.”²

Além da possibilidade de análise do teor dos artigos veiculados, identifica-se nessas fontes uma orientação editorial, o que permite realizar uma interpretação que considere a “sintaxe histórica, recusando-se assim a participar, por passivo consumo, do simples comércio da informação”.³ Interpretou-se não apenas o conteúdo dos artigos, também o conjunto da publicação foi tomado como elemento de análise: sua organização e os temas recorrentes que se faziam presentes.

Como fontes principais, adotou-se um tipo de publicação bastante comum no princípio do século: *os almanaques*. De periodicidade anual, ocupavam grande parte de seu espaço com informações acerca de serviços públicos, trazendo também traduções de artigos científicos publicados em revistas estrangeiras e conselhos práticos para agricultores e donas-de-casa, além de apresentarem atividades de lazer e divertimentos para seus leitores.

No conjunto, os almanaques pesquisados oferecem uma ampla visão das idéias em circulação nas três primeiras décadas do século XX,

¹ A pesquisa que subsidia as considerações aqui apresentadas utilizou como fontes algumas publicações periódicas e obras de intelectuais do período assinalado, bem como monografias acadêmicas, que têm pontos de contato com o assunto. v. “Fontes e referências bibliográficas”.

² TRINDADE, (1993), p. 6.

³ SANTOS, (1989), p. 21.

em Curitiba. Dentre todos, o *Almanack dos Municípios*, que inicia sua circulação em 1918, é o que permite observar a ocorrência do que se poderia designar por disseminação das idéias político-administrativas. Além de conter as seções usuais dos outros almanaques, dedica-se a editar mensagens de prefeitos sobre as ações realizadas nos espaços das cidades. Tratava-se, em termos, de uma publicação oficiosa dos atos municipais, como é dado a entender em seu número inicial:

“Dependendo a continuação do ‘Almanack dos Municípios’ dos favores das prefeituras e do público, esperamos que esse concurso não nos falte, para a boa marcha da útil propaganda que estamos desenvolvendo.”⁴

O *Almanach Paranaense* (1900-1901), por seu lado, parece vincular-se à doutrina espírita, dado o significativo número de artigos e de textos literários de divulgação kardecista presentes em suas páginas. Outro almanaque pesquisado foi o *Almanach do Paraná* (1900-1913), que teve o intelectual Romário Martins como um de seus redatores, constituindo-se em divulgador de idéias anticlericais e paragnostas.

Curitiba, de um século a outro

Observar cidades não é tarefa simples; ainda mais quando se pretende enxergá-las no tempo. Não basta um simples olhar sobre a realidade aparente e não existe um “olhar inocente”: o observador sempre procura decompor e remontar/interpretar o objeto observado de acordo com algum propósito.

“A interpretação... não se encaminha nem para o descritivismo ‘neutro’, nem para a paráfrase lamuriosa. [...]. O examinar interpretativo de algo implica mobilizar-se a si, ao lido, ao outro. [...]. A interpretação, não sendo um arquivo, nem uma memória, não se faz por acúmulos de conhecimentos superpostos. Dá-se como traço [Derrida] – ranhura capaz de selecionar, combinar, produzir.”⁵

⁴ Almanack dos Municípios, 1918, p. 185.

⁵ SANTOS, (1989), p. 20-21.

Curitiba já foi objeto de diversos olhares. Talvez alguns deles possam desvelar as intenções de seus observadores e aproximar esta cidade da imagem que lhe queriam imputar nas primeiras décadas do século XX. Robert Avé-Lallemant,⁶ em suas “viagens pelas províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo (1858)”, descreveu a capital da recém-Província do Paraná descobrindo nela uma “dupla natureza” ao contemplar os resquícios de “quando não era ainda a capital de uma Província”. Para ele, as ruínas e a desordem de uma velha Curitiba assinalavam decadência e atraso, que se contrapunham à “decisiva regeneração” expressada pela cidade nova. Assim, embora não encontrasse nenhum “grandioso estilo Renascença”, observava que

“desde a chegada do Presidente e do pessoal administrativo, Curitiba tem o seu palácio. Naturalmente é um simples rés-do-chão e tem aparência despreziosa, modesta, mas é bonito e asseado. [...]. Além disso, foram construídos a Câmara de Deputados provincial, o Tesouro e muitas casas; em resumo, Curitiba, a velha vila enfezada, marcha com energia para um novo desenvolvimento.”⁷

A velha Curitiba entrevistada por Avé-Lallemant já havia sido visitada por outro viajante europeu. Em 1820, a cidade de “duzentas e vinte casas” com um certo ar europeu em seus quintais chamou a atenção de Auguste Saint-Hilaire também por suas ruas largas e regulares, “algumas totalmente pavimentadas”. Saint-Hilaire assinalou a aparência modesta das construções e, em contrapartida, o acentuado movimento comercial da cidade:

“[...] havia em Curitiba várias lojas muito bem abastecidas. Os negociantes traziam suas mercadorias diretamente da capital do império, mas só as vendiam aos fazendeiros do distrito porque os comerciantes das cidades vizinhas também se abasteciam no Rio de Janeiro. À exceção dos artigos de armarinho, dos tecidos e dos utensílios de cobre e ferro, etc., o sal era o artigo de mais alta importação, devido ao seu grande consumo pelo gado. A cidade de Curitiba enviava ao Porto de Paranaguá, situado abaixo dela, toucinho, milho, feijão, trigo, fumo, carne seca e mate, sendo este último consumido em parte no litoral e em parte despachado para

⁶ AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagens pelas províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo (1858)*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1980.

⁷ Idem, p. 273-274.

as cidades de Buenos Aires e Montevideú, impossibilitadas de receberem esse produto do alto Paraguai devido à situação política. Entre os artigos de exportação não posso deixar de mencionar uma certa quantidade de gado que Curitiba vendia a São Paulo ou ao Rio de Janeiro.”⁸

Esses relatos sobre diferentes momentos da Curitiba do século XIX servem para mostrar de que maneira um mesmo objeto de observação traduz, conforme o olhar, até mesmo visões antagônicas. As discrepâncias que se apresentam são, sobretudo, fruto da posição do observador. Avé-Lallemant compara dois momentos da cidade e a enxerga na direção do progresso. A situação de capital de Província é seu foco de atenção: casas antigas ruíram e a velha cidade estava sendo soterrada pela cidade-capital. No entanto, as ruínas que ele enxergava, e deplorava, foram o espaço harmonioso que se apresentara aos olhos de Saint-Hilaire.

A elevação de Curitiba à condição de capital de Província não havia ocorrido sem conflitos, e existiram aqueles que a viram como uma cidade desprovida de qualquer encanto. Para Demétrio Acácio Fernandes da Cruz, Paranaguá era a cidade com melhores condições para ser a capital provincial.⁹

“O simples fato da descrição topográfica de Curitiba indica com a maior evidência que lhe falecem todos os recursos para uma capital. Esta nossa opinião, sendo a de todos os homens sensatos da província, é ainda corroborada pela de todos aqueles viajantes que têm transitado por essa cidade [...]”¹⁰

⁸ SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagem a Curitiba e Santa Catarina*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1978, p. 72.

⁹ CRUZ, Demétrio A. F. Apontamentos sobre a Província do Paraná – Parte IV (publicados em 1861, no *Correio Oficial*). In: *Fontes para a história do Paraná: cronistas, séculos XIX e XX*. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1990. O texto foi compilado por Júlio Estrela Moreira, que anota o fato de Demétrio A. F. da Cruz haver sido exonerado da Alfândega de Paranaguá em fins de 1861, e que o último artigo publicado no *Correio Oficial* datava de 28 de janeiro de 1862. No entanto, Demétrio justificava a interrupção de seus Apontamentos através da seguinte fórmula: “Surpreendido por uma oftalmia fui mais azinha do que tencionava obrigado a remeter-me à obscuridade, em que sempre hei vivido, e interromper bruscamente o estudo recreativo, a que me tenho entregado sobre esta bela Província” (p. 43).

¹⁰ Idem, p. 35.

Certamente, os viajantes a que se referia Demétrio da Cruz não são os acima mencionados. Suas considerações contradizem, especialmente, a cidade apresentada no relato contemporâneo de Avé-Lallemant. Ainda, para reforçar sua opinião, iria valer-se dos comentários de um tal “sr. Rezende”, o qual

“[...] proferiu uma verdade evangélica, profetizando o seu presente e o seu futuro desesperador. Central, sem uma única via de comunicação regular, isolada, sem nenhum destes grandes recursos, que fazem a animação, a vida das cidades, sem comércio e por conseguinte só com vida oficial, devia, apesar do pomposo vaticínio, que lhe outorgou o Exm^o conselheiro Zacarias, não passar do que realmente é, uma cidade sem significação. [...]. E tão valente é a nossa convicção a este respeito que não trepidamos em afirmar que daqui a um século, correndo como infelizmente correm os nossos negócios provinciais, ela pouco mais será que a Curitiba de hoje.”¹¹

Quando se inicia o novo século, a “cidade sem significação” de Demétrio da Cruz desaparecera. Desde 1880, a cidade passara por transformações urbanas que vieram realizar “os sonhos utilitários de muitos habitantes”. Curitiba parecia haver recebido as melhorias que a sua população há tanto esperava, mas não diminuía as queixas contra os serviços públicos.¹²

Os periódicos curitibanos do início do século XX apresentam uma cidade na qual ainda eram freqüentes as “febres típicas, naturalmente devido à falta de boas águas”. Os anúncios de “Casas de banhos”, oferecendo “banhos quentes, frios, russos, banhos de ducha e eletricidade”, fazem supor a existência de residências, individuais ou coletivas, que ainda não dispunham dos quartos de banho e água encanada. Entretanto, suas ruas eram percorridas por coches de aluguel puxados por “garbosas parelhas”, oferecidos pelas cocheiras do Tattersal Paranaense, de Arthur Miró. E “anunciadores comerciais” circulavam pela cidade apresentando produtos de diversas indústrias existentes no Paraná, muitas delas utilizando o vapor como força motriz de suas máquinas – aliás, fazia-se questão de anunciar o uso do vapor, guindado a verdadeiro ícone do progresso.

¹¹ Idem, p. 35.

¹² PEREIRA e SANTOS, (1993), p. 72.

Muitos intelectuais paranaenses descreviam Curitiba de maneira ufanista. Rocha Pombo a enxergava como uma cidade “suntuosa, com suas grandes avenidas e *boulevards*, as suas amplas ruas alegres, as suas praças, os seus jardins, os seus edifícios magníficos” – uma imagem que, contrastada a uma Curitiba “acanhada e sonolenta, de 1853”, fazia o gosto da “classe média” curitibana.¹³ Essa febre de modernização não foi objeto de atenção apenas dos intelectuais, os periódicos da época produziam verdadeiros panegíricos ao espírito do progresso que inundava, então, a cidade.

A marcha para o Progresso

O período da Primeira República “foi um momento de total afirmação do novo, do moderno”: os calçamentos com pedras irregulares foram substituídos pelo “mac adam”, pelo paralelepípedo, pelo “petit pavé” e, logo em seguida, pelo concreto e asfalto; tarefas, que antes só eram realizadas por homens, passaram a ser executadas por máquinas: “imaginava-se que para toda atividade existia, ou viria a existir, um mecanismo que substituísse o trabalho humano imperfeito”.¹⁴

Ficara para trás o tempo dos viajantes europeus em busca da novidade, do extravagante (e do familiar), em terras distantes. Os próprios cidadãos cuidavam de produzir as imagens de sua cidade, saudando e desejando o progresso que se anunciava. Todavia, a presença daqueles viajantes do século XIX, que procuravam, dentro dos cânones do espírito científico europeu, apresentar um relato “objetivo” da realidade aparente ainda pairava sobre Curitiba.

Os olhares curitibanos mostravam-se embebidos de uma concepção de História na qual a idéia de progresso da humanidade ocupa lugar fundamental.

“A idéia de progresso [...] encerra uma idéia detalhada e abrangente de mudança. Envolve orientações específicas da história como registro de acontecimentos. Indica uma interpretação definida e singular das diferenças sociais e culturais e designa um uso de diferenças na construção de teorias de mudança social e cultu-

¹³ Citado em PEREIRA e SANTOS, (1993), p. 73.

¹⁴ PEREIRA e SANTOS, (1993), p. 74-75.

ral. Postula uma natureza das coisas, afirma um universalismo e cria um sistema de correspondências que nos apresenta um quadro rico e detalhado de como as coisas funcionam nas questões humanas. Identifica, como entidade real, uma categoria do acidental, do fortuito, do anormal ou não-natural. Proporciona um método complexo de hipostatizar ou reificar entidades cujas carreiras podem ser traçadas no tempo. Está impregnada de noções orgânicas primitivas do ser e do vir-a-ser.”¹⁵

Esse ideário do progresso, nas diversas variantes que foram produzidas, fixou-se no pensamento intelectual do século XIX e logo alcançou o senso comum das sociedades. Dentre suas variantes, interessa particularmente o Positivismo formulado por Auguste Comte (1798-1857). O “espírito científico” comtiano, segundo François Chatelet, propunha um método fundado na observação e na experimentação, “graças às quais o cientista pode prever as seqüências fenomênicas e prover o melhoramento do bem-estar da humanidade mediante a utilização calculada dessas previsões”.¹⁶

Em Curitiba, a presença desse “espírito científico” afirmou-se à medida que a cidade adquiria ares de capital moderna. Sobre a crença na ciência como instrumento para o bem-estar da humanidade, deve-se pensá-la, no interior do ideário positivista, como a manifestação perceptível do espírito do progresso:

“Así, la ciencia misma – que aparece ahora sólo como penúltima instancia – encuentra su plenaria significación como ‘manifestación’ del progreso humano. [...] en cuanto al Progreso, que, a pesar de vanas pretensiones ontológicas, encuentra hoy, en el conjunto de los estudios científicos, su más indiscutible manifestación.”¹⁷

A ciência, assim, seria um bem da humanidade e sua faculdade de previsibilidade possibilitaria o bem-estar de todos. Magnus Pereira aponta que os moradores de Curitiba, desde o final do século XIX, mostravam-se predispostos à adesão a tudo aquilo que representasse o progresso, que se consubstanciava, então, na figura do engenheiro: “A crença na objetividade técnica e científica instituía-se enquanto senso

¹⁵ BOCK, (1980), p. 67-68.

¹⁶ CHATELET, (1975), p. 121.

¹⁷ RODRIGUES HUESCAR, Antonio. “Prólogo”. In: COMTE, (1975), p. 23.

comum. O engenheiro civil era o responsável pela parte mais visível do conhecimento científico.”¹⁸ Esse profissional representava um tipo de conhecimento que se acreditava imune às paixões e cores políticas: de certa forma, sua ação era tida como “neutra”, apoiada apenas no saber técnico.

As observações de Magnus Pereira apresentam pontos de encontro com as reflexões de José Luis Romero sobre o desenvolvimento, em território hispano-americano, das idéias positivistas e liberais.¹⁹ Mesmo considerando as diferenças entre os países da América Latina, são pertinentes algumas das considerações de Romero. Segundo ele, o positivismo e o liberalismo estariam ligados à difusão da revolução industrial, e as idéias que informavam todo um conjunto de transformações socioeconômicas encontraram campo fértil para se reproduzirem entre os intelectuais e os segmentos sociais com interesses na nascente industrialização.

“El progreso fue la voz de orden. La instauración de una legislación laica y liberal y, sobre todo, el desarrollo de la instrucción primaria para alfabetizar a las masas ignorantes, se constituyeron en objetivos fundamentales. Eran los dictados del progreso y de la razón.

[...] Algo quedó del vigoroso impacto del positivismo liberal; un vago cientificismo, una idea genérica del progreso y, sobre todo, una filosofía de la vida que había encontrado en el positivismo cierta apropiada formulación, pero que era anterior a él. Sus finalidades se deslizaban hacia una típica filosofía del bienestar; pero por expresar una actitud individualista y por fijar los objetivos de la vida en la satisfacción de aspiraciones muy inmediatas, el positivismo expresó fielmente la mentalidad de la burguesía; y no sólo de las clases altas muy enriquecidas sino también de las clases medias en acenso.”²⁰

Ao se referir ao processo de laicização do Estado e da educação, que já ocorriam desde meados do século XIX nos países sul-americanos de língua espanhola, Romero apresenta um quadro que

¹⁸ PEREIRA (1990), p. 136.

¹⁹ ROMERO, J. L. *Situaciones e ideologias en latinoamerica*. Buenos Aires: Sudamericana, 1986.

²⁰ ROMERO, op. cit., p. 36; p. 38.

remete à Curitiba da Primeira República, como se pode depreender de trabalhos de Carlos Alberto de Freitas Balhana.²¹

Discutindo o movimento anticlerical em Curitiba, Balhana oferece elementos que permitem sintonizar as “idéias curitibanas” ao ideário republicano nacional daquele momento, ainda que com certas especificidades na composição dos grupos publicistas. Seus trabalhos indicam a ocorrência do que poderia ser designado como um sincretismo de idéias,²² no qual se percebe uma estreita afinidade entre os movimentos maçônico e teosófico de Curitiba e as idéias positivistas. Tal sincretismo, resultado de uma luta comum contra a presença da Igreja na educação e nas coisas do Estado, constrói-se sob a presença dominante da noção de progresso oriunda do positivismo.

As idéias na cidade: divulgar o progresso

Desde as décadas finais do século XIX, encontra-se todo um esforço ideológico na construção de uma consciência laica, defendendo um Estado e uma educação afastados de dogmas religiosos, ao gosto dos ideais positivistas. Visando mais propriamente as instituições políticas, os periódicos da época ofereciam amplo destaque à disseminação das ações e das idéias político-administrativas instauradas a partir da República.²³ Nesse sentido, os almanaques informavam, por exemplo, sobre a legislação que regulava o registro civil de nascimentos, de óbitos e de casamentos, inclusive o valor das multas, caso os registros não fossem realizados nos prazos estabelecidos. Vivía-se um esforço em engajar a população nas transformações advindas com

²¹ BALHANA, C. A. O templo das musas e Dario Vellozo; aspectos sociais da teosofia, da maçonaria e do protestantismo, em Curitiba, na década de 1920 a 1930. *Boletim de Antropologia*, Curitiba, v. 1, n. 5, ago. 1988, p. 53-60. BALHANA, C. A. O labor anticlerical nos periódicos paranaenses de 1880 a 1930. *Boletim de Antropologia*, Curitiba, v. 2, n. 2, fev. 1989, p. 25-46.

²² Esse “sincretismo de idéias” funciona no sentido de se perceber uma reunião de elementos de origem diversa em torno de um ideal comum; trata-se de um mecanismo que permite a alguns elementos manterem seu sentido original mesmo no interior de outra doutrina.

²³ Para Sérgio Buarque de Holanda, foi o advento das idéias republicanas que abriu caminho para as concepções sociais do positivismo. Ver: *História geral da civilização brasileira*, tomo II, v. 5, p. 289-305.

a República, o que fica evidente ao se acompanhar alguns comentários sobre as datas consideradas como de festas nacionais.²⁴

Sobre o 21 de abril, a figura de Tiradentes era identificada aos ideais republicanos e à luta antimonárquica. Nestor de Castro, então, comparava Tiradentes a Cristo, considerando-os “mártires e ambos profetas do igualitarismo social”. Essa valorização de individualidades como representativas de momentos do desenvolvimento histórico de uma sociedade tem íntima relação com o ideário positivista, no qual as personalidades históricas simbolizam etapas de civilização.

Rocha Pombo, comentando o 13 de maio, é bastante esclarecedor quanto à presença de uma concepção de história universal centrada nos valores de uma civilização branca e ocidental. Ao contrário de enxergar um malefício, afirmava “que pela primeira vez no mundo a escravidão veio a remir um povo”:

“Não nos arrependemos, entretanto, antes nos orgulhamos desse enorme e augusto sacrifício, compensado pela glória de haver feito, após uma eternidade de degredo e maldição, o resgate social daquela raça. Em futuro longínquo, a Humanidade, por uma injunção solene de todas as nações, terá de reconhecer-nos este incomparável heroísmo com que entramos na história trazendo pelo braço o povo precito. [...] o 13 de maio pertence à Humanidade.”

Essa história, feita de acidentes reificados, também é encontrada no elogio que Emiliano Pernetta faz ao 15 de novembro. Contrastando-o ao 7 de setembro, data esta que representaria a “implantação ilógica da monarquia constitucional”, convidava à celebração do final do regime monárquico: “[...] de 22 a 89 decorreu um lapso anacrônico na história do Brasil. Só então reatamos o fio lógico de nossa verdadeira independência e emancipação política.” Comemorava-se, assim, a República e o Progresso do Brasil, acreditando-se também no progresso da “Terra das Araucárias”.²⁵

²⁴ As informações a seguir foram retiradas do *Almanach do Paraná*, 1900, s/p. Nesta edição consta ainda uma transcrição do Calendário Positivista, com comentários de Miguel Lemos explicando o nome dos meses, os quais anunciavam os diversos estágios de evolução da humanidade, em diferentes domínios do conhecimento e da política.

²⁵ “Terra das Araucárias” é o título de livro publicado por Dario Vellozo e Gustavo Pontes, no qual os autores se propõem a expor a “diretriz cívica e finalidade moral da civilização no Paraná. O Paraná no Brasil e na Humanidade”. Dario Vellozo

A crença nos avanços científicos, peculiar ao pensamento positivista,²⁶ também encontrava espaço de divulgação nos almanaques que circulavam em Curitiba. Um artigo de 1906, no *Almanach do Paraná*, alardeava os benefícios do uso do cobre na “purificação da água”.²⁷ Os progressos da ciência, e sua aplicação na vida cotidiana, faziam-se presentes ainda nos anúncios de produtos oferecidos à população: em 1901, o *Almanach Paranaense* anunciava a venda de “automóveis, motocicletas, bicicletas”, por Francisco F. Fontana, e as novas especialidades de Mueller & Filhos, “máquinas elétricas para iluminação, máquinas a vapor e pára-raios”.

Ao mesmo tempo em que ficava patente essa propaganda dos avanços científicos, os periódicos esforçavam-se em apresentar novos modelos de comportamento, em especial, discutindo a posição da mulher dentro do modelo comtiano de sociedade.²⁸ Como visto nos comentários de Rocha Pombo à escravidão, a questão racial também não ficava ausente das páginas dos almanaques, preconizando-se a crença da superioridade dos povos europeus ocidentais como exemplos do estágio mais elevado da humanidade. Em 1909, Pamphilo d’Assumpção elogiava o “embranquecimento da população através dos cruzamentos raciais entre os de origem latina e o sangue de raças fortes” na produção do “tipo paranaense”.²⁹ O Paraná estaria, assim, encaminhando-se, também do ponto de vista do biotipo de sua população, para um estágio mais avançado de civilização.

concebeu a publicação desse livro ainda em 1928 (ou 1930-1931); todavia, só veio a público após sua morte, com a redação de Gustavo Pontes.

²⁶ A crença na ciência vem embebida de toda uma idéia que remonta ao “novo espírito científico” de Comte e ao cientificismo do século XIX. Nesse aspecto, pode-se incluir as preocupações de controle sanitário nos produtos oferecidos à população; ver GANZ, Ana M.; GANZ, Ângela L. A ‘questão do leite’ em Curitiba: o saber preventivo e a resistência cotidiana (1890-1920). *Boletim do Departamento de História*, p. 27-46.

²⁷ *Almanach do Paraná*, 1906, p. 118-119. Trata-se da tradução de um artigo de origem norte-americana, no qual se procura, através da opinião científica apresentar o processo e refutar, de antemão, críticas à toxicidade do cobre.

²⁸ O *Almanach do Paraná* de 1906 trazia dois artigos; o primeiro, uma tradução, advogava a inferioridade intelectual da mulher, apoiando-se em teses de Lombroso (p. 143-144). O segundo, de Pinheiro Chagas, afirmava a igualdade entre os sexos. (p. 210-217). Ainda em se tratando da posição da mulher na nova sociedade, as páginas do *Almanach do Paraná*, de 1908, traziam artigo sobre o voto feminino, nos EUA.

²⁹ *Almanach do Paraná*, 1909, p. 114-119.

Requisitos para o progresso de Curitiba

“CURITYBA NOTURNA. – De há muito deixou a capital paranaense as suas modestas vestes de aldeia placidamente reclinada nas verdes colinas dos campos dos Pinhais, para envergar a *toilette* elegante de ultimo figurino duma cidade moderna, iluminada à electricidade e percorrida por automóveis e *tramwais* elétricos, capital, enfim, onde se acotovelam 80 mil almas e à noite, ao flamejar das lâmpadas Osram, uma população *chic* sai a flanar através das nossas praças e ao longo das ruas inundadas de luz.”³⁰

A *Revista do Povo*, em 1920, fazia este generoso comentário sobre a cidade. Não apenas a paisagem urbana sofria transformações, também a população curitibana parecia apresentar uma nova feição. Quando se procura reconstituir o espaço urbano no qual o “tapo paranaense” de Pamphilo d’Assumpção vivia, um almanaque em especial oferece valiosa contribuição.

Mesmo considerando a já mencionada orientação editorial do *Almanack dos Municípios*, não se pode descartar sua importância como fonte de informações sobre as transformações urbanas que estavam sendo conduzidas pelos poderes municipais. A linguagem apologética, ao contrário de se constituir em entrave para a análise, apresenta-se como elemento a ser considerado na interpretação.

O tom elogioso, quase sempre usual para o *Almanack dos Municípios*, deve-se provavelmente à necessidade de apoio oficial para a continuidade de seu projeto editorial, embora, em algumas ocasiões, encontrem-se reclamações quanto à não compreensão, por parte de alguns prefeitos, da “útil propaganda” a que se dispunha fazer aquele periódico. No entanto, sempre sobrava algum elogio para os comerciantes das cidades que anunciavam em suas páginas, assinalados como o espírito progressista do local, em contraste à falta de visão dos prefeitos.

“O Município de Curitiba é, dentre os demais do estado, aquele que atingindo o máximo expoente do desenvolvimento comercial e industrial, caminha para a senda do progresso a passos de gigante medieval. [...]. As indústrias e o comércio vivem um desenvolvimento uniforme florescem à sombra benfazeja dos governos,

³⁰ *Revista do Povo*, apud *Boletim*, (1989), p. 347.

nada deixando a invejar dos principais centros mais em evidência. Assim, as grandes instituições comerciais, agrícolas e industriais, numa excelência de organização são testemunhos da sua grandeza crescente. [...]. Certo não será neste ligeiro comentário expendido, que entraremos nas minúcias e apreciação dos fatores básicos que contribuíram para o seu rápido progresso.”³¹

Para Curitiba, o Prefeito Municipal era geralmente saudado como o homem que estava conduzindo a cidade ao seu mais alto grau de desenvolvimento. Um desenvolvimento, aliás, que rivalizasse com o de outras capitais brasileiras, pois sua população buscava viver “a vida afanosa de um grande centro”.

“A erva-mate tornara possível trazer à cidade todos os signos mais evidentes da condição moderna: o *boulevard*, a fábrica, a iluminação e o burburinho urbano das ruas. A comemoração à cidade, que permeia a documentação paranaense entre as décadas de 1890 e 1920, não era vazia. Afinal, a principal reivindicação política dos letrados, que se valiam dos meios de comunicação para pressionar o poder público, tinha sido justamente a cidade ‘moderna’.”³²

Algumas vezes, porém, o prefeito enfrentava pressões da imprensa local para dar curso às transformações de que reclamava certa parcela da população: aqueles que tinham acesso às páginas dos periódicos da época através de cartas nas quais manifestavam seus descontentamentos acerca dos serviços públicos.³³

A regra geral da imprensa era, no entanto, saudar as realizações dos homens públicos que objetivavam a “remodelação da cidade, na construção de obras de vulto de necessidade imprescindível”,³⁴ mesmo

³¹ *Almanack dos Municípios*, 1918, p. 17. Este primeiro número é todo ele dedicado ao Município de Curitiba.

³² PEREIRA e SANTOS, (1993), p. 73.

³³ Em 1929, o prefeito nomeado Eurides Cunha assim se manifestava ao legislativo municipal: “A população curitibana esta impaciente. Ela quer e quer mesmo, gozar, desde já, os confortos das grandes cidades. São Paulo é o seu termo de comparação. Temos que igualar a Paulicéa, senão excedê-la é o que se deduz da campanha feita diariamente pela imprensa que se diz independente e órgão de opinião publica do Paraná.” *Almanack dos Municípios*, 1929, p. 109-110.

³⁴ *Almanack dos Municípios*, 1918, p. 18. “[...] É atual Prefeito do Município de Curitiba, o honrado Sr. Cel. João Antônio Xavier, espírito de grande cultura administrativa, homem de idéias evoluídas, liberal, que vem gerindo com austeridade e

quando enfrentavam a oposição de setores do comércio e da própria Câmara Municipal.

“A nossa Curitiba moderna necessita de leis também modernas, feitas naturalmente por espíritos modernos; que acompanhem a evolução, e que estejam em harmonia com a época; que se enquadrem na atualidade, fazendo mesmo conveniente previsão do futuro. Legislar para o passado é utopia. Curitiba é uma cidade jovem; conseqüentemente a sua mentalidade não pode ser antiquada.”³⁵

Nessas palavras do prefeito Moreira Garcez, identifica-se a existência de um descompasso entre suas ações de “modernização” e a avaliação que delas faziam os edis curitibanos. O discurso e as ações desse prefeito, por outro lado, receberiam a seguinte apreciação dos editores do *Almanack dos Municípios*:

“[...] fala em sua mensagem explicando os motivos que o levaram a melhorar esses logradouros públicos dando-lhes um aspecto compatível com o nosso progresso. [...] Rua 15 de novembro – Uma das maiores aspirações do operoso dirigente dos negócios do município, era a de realizar o asfaltamento da rua 15 de novembro, a principal artéria de Curitiba.”³⁶

As palavras de ordem, então, eram “Curitiba moderna”, “espíritos modernos”, “evolução”. Expressão de ideais que sustentavam a crença na objetividade da ciência e da técnica como instrumentos para a construção de uma sociedade moderna e desenvolvida, ao mesmo tempo em que se consubstanciavam na constante transformação física no espaço urbano de Curitiba, dando-lhe “um aspecto compatível com o nosso progresso”.

Assim, nas primeiras décadas deste século, Curitiba foi sendo (re)construída a partir de uma idéia de cidade marcada pela noção de

critério os negócios municipais. [...] S.s. tem sido guindado à benquerença dos municípios pela guarda que monta ao erário público, pela criteriosa aplicação das economias na remodelação da cidade, na construção de obras de vulto de necessidade imprescindível.”

³⁵ Trecho da mensagem do Prefeito Moreira Garcez enviada ao legislativo municipal ao final de 1926, e transcrita pelo *Almanack dos Municípios*, 1927, s. p.

³⁶ *Almanack dos Municípios*, 1927, s. p.

Progresso,³⁷ reconhecendo-se nela a influência do ideário positivista que circulava no meio intelectual curitibano. Essa idéia de cidade é percebida tanto na ação objetiva de transformação do ambiente, como na divulgação das idéias que informam a organização de seu espaço urbano.

O progresso das sociedades: “uma grande e moderna cidade”

As cidades estão sempre sendo refeitas; elas estendem seus limites ao mesmo tempo em que se edifica sobre as ruínas de um casario antigo. E este é também o caso de Curitiba. Compreender a produção de uma cidade é compreender a ação humana de produção de um espaço que assegure a reprodução biológica e cultural de sua sociedade. Nesse sentido, interessa apreender o significado que os agentes sociais envolvidos na construção desse ambiente conferem à forma urbana.

A partir das considerações precedentes, percebe-se que em Curitiba, no início do século XX, ao mesmo tempo em que se fazia uma incessante propaganda das idéias que sustentariam a construção de uma sociedade moderna orientada pelo ideário do Progresso, os poderes públicos promoviam constantes transformações no tecido urbano. A todo o momento, os avanços da ciência e da técnica, da indústria, da educação e da própria administração pública eram divulgados, apresentando-os como sinais incontestes do processo civilizatório em que estavam empenhadas as classes dirigentes da sociedade curitibana.

Saliente-se que nem todos os habitantes enxergam a mesma cidade. É preciso reconhecer que o espaço urbano é também o espaço do conflito; um conflito que emerge, aliás, da tensão entre uma concepção ideal de cidade e a própria dinâmica de ocupação e transformação do espaço. Os agentes sociais envolvidos na produção de uma cidade retêm maneiras diferentes de concebê-la, de organizá-la.

³⁷ Com o mesmo propósito, é publicado no período um grande número de obras de escritores paranaenses que têm por objetivo falar do Paraná como “a terra do futuro”.

A cidade é, pois, o ambiente do simultâneo e da multiplicidade. Não existem contornos definidos; suas bordas dissolvem-se, invadindo umas às outras. Sobre a cidade de origem superpõem-se outras construções; os projetos incorporam-se, oferecendo diferentes cenários, diferentes discursos. E Curitiba, além de sua própria materialidade, é tudo aquilo que sobre ela é (foi) produzido: ela está construída nos edifícios, nas paisagens, nas lembranças, nos papéis.

No final do século XIX, o centro de Curitiba

“[...] transformara-se numa espécie de síntese de várias propostas de cidade. O traçado racional se impusera muito mais por questões formais do que por qualquer outro motivo, e agora se prestava principalmente ao tráfego dos bondes e aos 1.000 veículos diversos. As árvores e a água encanada garantiam a salubridade urbana. Enfim, não era mais preciso viver apenas das notícias de Paris ou Rio de Janeiro.”³⁸

Carl Schorske,³⁹ para a Europa da revolução industrial, aponta a existência de uma concepção de cidade caracterizada como “o principal centro onde o homem exercia suas duas mais valiosas atividades: a indústria e a alta cultura”. Essa idéia, que remonta ao Iluminismo, havia sido retomada pelos intelectuais e pela burguesia européia desde a segunda metade do século XIX; todavia, os valores que tal concepção encerrava não traziam, necessariamente, a transformação da sociedade em que estava inserida.⁴⁰ Tratava-se de eleger a cidade como local de “virtude”, espaço em que se afirmavam as possibilidades do processo de civilização das sociedades. Schorske também menciona que, em contrapartida, outros intelectuais europeus do século XIX descreviam a cidade como expressão do “vício”, realizando uma crítica aos problemas advindos com a industrialização.

Para seus intelectuais, homens públicos, burguesia e classe média, Curitiba representava apenas a “virtude”. Como Dario Vellozo, acreditavam que “As cidades são os índices da civilização dos povos.

³⁸ PEREIRA e SANTOS, (1993), p. 73.

³⁹ SCHORSKE (1989). Para esse autor, os intelectuais do século XVIII viam a cidade como “virtude”; no início do século XIX, ela passou a ser percebida como local de “vício”; e, a partir da segunda metade daquele século, a cidade encontraria-se “além do bem e do mal”, alternando-se as concepções precedentes.

⁴⁰ SCHORSKE, (1989), p. 47.

Todo progresso das Nações, produzido nos campos, sintetiza-se nas cidades. Assim, são elas o enfeixe lógico da civilização”.⁴¹ Esta opinião sintetiza o pensamento daqueles que, no início do século, *olhavam* para Curitiba e a reconheciam como espaço de Progresso e de Civilização.

“CURITIBA. A capital do Estado é uma cidade linda. Linda e moderna. Não dá a impressão acanhada das cidades provincianas. Pelo contrário, a elegância das linhas de suas construções, o traçado amplo e moderno de suas avenidas, o seu desenvolvimento comercial e industrial, os seus meios de transporte, tudo contribui para que, de fato, se possa dizer que ela é uma grande e moderna cidade. Não lhe faltam os recursos necessários ao progresso, pois que todos os requisitos das metrópoles modernas, tem Curitiba. Iluminada à luz elétrica, dispendo de uma boa rede de esgotos, de ótima água canalizada da Serra do Mar, servida por uma rede telefônica moderna, calçada, quase toda a paralelepípedos de granito, tendo a parte mais central muito bem asfaltada, a cidade pode orgulhar-se do seu valor real. Por toda parte, há belos edifícios, praças amplas e ajardinadas, monumentos, etc. [...]. A impressão de quem, de passagem vê as cidades costeiras, Paranaguá, Antonina, e, a seguir, contempla Curitiba com seus arredores, é a de que passou só com a viagem do carril serrano, de um a outro país.”⁴²

Esta descrição resume o ideal de cidade veiculado em Curitiba. Um ideal que necessitava estar inscrito no espaço da cidade, comunicando aos seus habitantes o dever a que aquela sociedade estava destinada. A marcha do Progresso seria inexorável e requeria que todos assumissem seus papéis na nova sociedade que estava sendo forjada. A paisagem urbana devia constituir-se em marca aparente dos valores sociais propostos pelas classes dirigentes; assim, a cidade acanhada de outrora precisava dar lugar a uma nova Curitiba, o que, nas palavras de Dario Vellozo, equivalia a construir um cenário diferente do existente no litoral.

Não se deve acreditar, no entanto, que as imagens de Curitiba aqui transcritas fossem as únicas existentes no início do século XX. Porém, ao buscar as motivações presentes nos textos pesquisados, é

⁴¹ VELLOZO e PONTES, (1942), p. 111.

⁴² VELLOZO e PONTES, (1942), p. 111-113.

fácil estabelecer que seus autores estavam sintonizados com o ideal de progresso da época: mais do que apologistas de reformas urbanas, aqueles autores preocupavam-se em divulgar o que acreditavam ser o caminho que a sociedade curitibana deveria trilhar rumo ao futuro. Observadores atentos de seu tempo, ao *olharem* para Curitiba parece que só enxergavam os aspectos que atestavam sua “virtude”: a modernidade da sociedade que se estava construindo.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

- ALMANACH DO PARANÁ. Curitiba, Editores Annibal Rocha e Cia.; anos 1900 (Redator: Romário Martins); 1906, 1907, 1908, 1909 (Redator: Corrêa Neto); 1913 (Organizado por Alcides Munhoz).
- ALMANACH PARANAENSE. Curitiba, Imprensa Paranaense; anos 1900, 1901 (Redatores: Manoel F. Ferreira Correia e Leocádio Cysneiros Correia).
- ALMANACK DOS MUNICÍPIOS, anos 1918, 1919, 1926, 1927, 1929, Curitiba, Diretor: Alberico Figueira.
- AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagens pelas províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo (1858)*. Belo Horizonte: Itatiaia/São Paulo: Edusp, 1980.
- BALHANA, C. A. O labor anticlerical nos periódicos paranaenses de 1880 a 1930. *Boletim de Antropologia*, Curitiba, v. 2, n. 2, p. 25-46, fev. 1989.
- BALHANA, Carlos Alberto. O templo das musas e Dario Vellozo: Aspectos sociais da teosofia, da maçonaria e do protestantismo, em Curitiba, na década de 1920 a 1930. *Boletim de Antropologia*, Curitiba, v. 1, n. 5, p. 53-60, ago. 1988.
- BOCK, Keneth. Teorias do progresso, desenvolvimento e evolução. In: BOTTOMORE, Tom; NISBET, Robert (orgs.). *História da análise sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980, p. 65-117.
- BOLETIM DO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA. Projeto “O viver em uma sociedade urbana, Curitiba 1890-1920”. Curitiba, 1989.
- BOLETIM DO INSTITUTO HISTÓRICO, GEOGRÁFICO E ETNOGRÁFICO PARANAENSE: Curitiba 300 anos (v. 68). Curitiba, 1993.
- BRANDÃO, Ângela. *A fábrica de ilusão: o espetáculo das máquinas num parque de diversões e a modernização de Curitiba, 1905-1913*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1994.
- CHATELET, François et al. *História das idéias políticas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- COMTE, Augusto. *Discurso sobre el espíritu positivo*. Buenos Aires: Aguilar, 1975.
- FONTES PARA A HISTÓRIA DO PARANÁ: cronistas, séculos XIX e XX. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1990.
- HOLANDA, Sérgio B. *História geral da civilização brasileira: o Brasil monárquico, do império à república*. Tomo II, v. 5. 2. ed. Rio de Janeiro: Difel, 1977.
- MARTINS, Romário. *O Paraná: antigo e moderno*. Curitiba: Typ. da Livraria Econômica, 1900.

- NISBET, Robert. *História da idéia de progresso*. Brasília: Ed. UnB, 1985.
- PEREIRA, Luiz Fernando Lopes. *Paranismo, o Paraná inventado: cultura e imaginário no Paraná da I República*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1997.
- PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. *Fazendeiros, industriais e não-morigerados: ordenamento jurídico e econômico da sociedade paranaense (1829-1889)*. Curitiba, 1990. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Departamento de História, Universidade Federal do Paraná.
- PEREIRA, Magnus R. M. *Semeando iras rumo ao progresso: ordenamento jurídico e econômico da sociedade paranaense (1829-1889)*. Curitiba: Editora da UFPR, 1996.
- PEREIRA, Magnus R. M.; SANTOS, Antonio C. A. *300 anos; Câmara Municipal de Curitiba – 1693-1993*. Curitiba: Câmara Municipal, 1993.
- ROMERO, José Luis. *Situaciones e ideologias en latinoamerica*. Buenos Aires: Ed. Sudamericana, 1986.
- SANTOS, Roberto Corrêa dos. *Para uma teoria da interpretação: semiologia, literatura e interdisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.
- SCHORSKE, Carl E. A cidade segundo o pensamento europeu, de Voltaire a Spengler. ESPAÇO & DEBATES, imagens e representação da cidade, n. 27, São Paulo, 1989, p.47-57.
- TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. *Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na Primeira República*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1996.
- TRINDADE, Etelvina. Curitiba, um espaço de idéias no início do século XX. Curitiba, 1993. Projeto de pesquisa acadêmico (mimeo).
- VELLOZO, Dario & PONTES, Gustavo. *Terra das araucarias*. Curitiba: Instituto Neo-Pitagórico, 1942.
- VICTOR, Nestor. *A terra do futuro: impressões do Paraná*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, 1913.